

O DIMENSIONAMENTO DO RISCO ÀS FACES DOS PARTICIPANTES NA TÉCNICA DRAMATIZAÇÃO

THE RISK DIMENSIONING TO THE PARTICIPANTS' FACES IN THE DRAMATIZATION TECHNIQUE

Geórgia Maria Feitosa e Paiva¹

Leticia Adriana Pires Ferreira dos Santos²

RESUMO

Esta pesquisa procurou, a partir dos estudos de Goffman (1973; 2012), Brown e Levinson (1987), Culpeper (2014;2021) Paiva (2024) descrever quais os potenciais riscos às faces dos participantes das dinâmicas de grupo. Para isso, realizamos uma pesquisa exploratória e descritiva, pela qual analisamos a técnica de dinâmicas de grupo role and play para sala de aula. A motivação para tal escolha deveu-se a três fatores: a utilização de tal técnica no âmbito educacional; os objetivos de integração e facilitação do conhecimento; as características de polidez presentes na composição dos procedimentos. Os resultados mostraram que a natureza diretiva da técnica e o teor perlocucional dos procedimentos necessários para o sucesso da execução ensejam alto grau de imposição, elevando o potencial de risco de perda de faces dos participantes. Diante disso, cabe ao facilitador e o grupo atenuarem os atos com adaptações e manifestação de empatia e solidariedade para com o grupo.

Palavras-chave: *polidez; trabalho de face; dinâmicas de grupo.*

ABSTRACT

This research sought, based on the studies of Goffman (1967; 1973), Brown and Levinson (1987), Culpeper (2014; 2021), and Paiva (2024), to describe the potential risks to the faces of participants in group dynamics. For this, we conducted exploratory and descriptive research, in which we analyzed the role and play group dynamics technique for the classroom. The motivation for this choice was due to three factors: the use of such a technique in the educational field; the objectives of integration and facilitation of knowledge; the politeness characteristics present in the composition of the procedures. The results showed that the directive nature of the technique and the pO DIMENSIONAMENTO DO RISCO ÀS FACES

¹ Doutora em Linguística, professora do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Ceará-Brasil. E-mail: georgiafeitosa@unilab.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2915-9416>

² Doutora em Linguística, professora emérita da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Ceará-Brasil. E-mail: leticia.santos@uece.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4796-5913>

DOS PARTICIPANTES NA TÉCNICA DRAMATIZAÇÃO *Orlocutionary nature of the procedures necessary for successful execution entail a high degree of imposition, increasing the potential risk of face loss for participants. Therefore, it is up to the facilitator and the group to mitigate the acts with adaptations and expressions of empathy and solidarity towards the group.*

Keywords: *politeness; face work; group dynamics; role-playing*

1 Introdução

As dinâmicas de grupo são situações comunicativas artificiais criadas para proporcionar uma maior integração, desenvolvimento de conceitos, discussões entre os integrantes de um grupo. Para realizá-las é necessária a participação de forma verbal e/ou comportamental dos integrantes e da mediação de um facilitador, pessoa responsável pelo intermédio do processo integrador de conhecimento.

Dado o seu caráter artificial, a dinâmica de grupo deve ter seus objetivos bem elaborados e esses devem ser repassados de forma clara para o grupo. Dessa forma, cabe ao facilitador proporcionar ao grupo uma espécie de segurança para que estes possam interagir, e assim despertar o conhecimento.

Visto que, atualmente, as dinâmicas de grupo são bastante utilizadas como recursos facilitadores de integração e conhecimento em diversas profissões, inclusive no âmbito educacional, é importante descrever os potenciais riscos às faces dos participantes destas interações.

Dessa forma, esta pesquisa investigará como a linguagem empregada nas técnicas de dinâmicas de grupos, criadas para a sala de aula, podem de fato ameaçar os participantes a partir do grau de imposição e do conteúdo embutido. Avaliaremos analisando quais estratégias de polidez estão presentes, e se as condições sugeridas concorrem para a eficiência da inter-relação e o conhecimento mútuo.

Para tanto, este artigo está dividido em três seções: a primeira trará estudos sobre os seguintes temas: as dinâmicas de grupo, principalmente sobre as perspectivas de Rogers (1970;1969); na segunda seção, abordaremos o trabalho de faces e polidez, discutindo os estudos de Goffman (1967;1973), Brown e Levinson (1987), Culpeper (2011;2024) Paiva (2024); na terceira, apresentaremos a análise descritiva de 10 dinâmicas de grupos, utilizadas em salas de aula, de modo que se possa identificar quais as estratégias são mais utilizadas e de que forma podem ser observadas no processo de integração e conhecimento do grupo.

2 Técnicas de dinâmicas de grupo

A primeira vez que a expressão “dinâmica de grupo” surgiu foi em 1944 num artigo publicado por Kurt Lewin, psicólogo renomado do Instituto de Psicologia de Massachusetts, o qual abordava a importância das relações humanas entre a teoria e a prática em Psicologia Social. (ROGERS,1970)

Lewin acreditava que treinar as capacidades das relações humanas era sinônimo de uma eficiência na educação. A partir desta ideia, vários T-Groups (grupos de treino)

foram realizados com a finalidade de facilitar o conhecimento através da potencialidade existente nas interações recíprocas.

Os primeiros grupos de treino foram realizados em grandes indústrias com o objetivo de facilitar a integração entre funcionários:

Nos T-Groups organizados pelos NTL para a indústria, e gradualmente para muitos campos fora da indústria, verificou-se que os indivíduos tinham freqüentemente, experiências pessoais muito profundas de mudança através da relação de confiança e interesse que se desenvolvia entre os participantes. (ROGERS,1970, p.15)

Imediatamente após a segunda guerra mundial, os T-Groups começaram a surgir em outros segmentos do mercado, entre eles a educação. Os primeiros grupos realizados em ambientes educacionais foram desenvolvidos por Rogers e tinham como principal objetivo a reintegração dos veteranos de guerra junto a seus cargos nas universidades, foi uma tentativa de interligar a aprendizagem experiencial com a cognitiva.

Estes grupos ficaram conhecidos como grupos de Chicago, pois seu local de atuação era a Universidade de Chicago, e tinham como principais objetivos: facilitar o crescimento pessoal, o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, com o tempo também passaram a trabalhar com a noção de treino das capacidades, fator trabalhado por Lewin.

Depois de desenvolvidos estudos sobre os possíveis tipos de grupo que se pode trabalhar as potencialidades e a sensibilização do conhecimento através da experiência em grupo, Rogers os distingue por três fatores diferentes: Tempo; Lugar e Conhecimento.

O fator tempo determina a intensidade de atividades de acordo com o tempo destinado a estas; temos como exemplos os workshops, as maratonas, que precisam que seus participantes se dediquem a um determinado número de horas para a realização de tais atividades.

O fator lugar determina o direcionamento operacional do grupo, ou seja, se um grupo se encontra em uma escola, universidade, indústria, empresa tenderá a realizar-se sob as características de tais ambientes; desta forma, são grupos diretivos.

O fator conhecimento é importante, pois pode influenciar significativamente na apreensão deste, visto que se em um grupo estão presentes pessoas que se conhecem, possuem laços afetivos, o conhecimento a partir da integração se dará de forma diferenciada entre familiares e pessoas estranhas.

Tendo em vista os fatores citados, seguem as modalidades de grupo apontadas por Rogers como fundamentais:

1. T-Group: tem como principal objetivo acentuar as capacidades das relações humanas
2. Grupo de encontro: pretende incentivar o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, através de um processo experiencial.
3. Grupo centrado na tarefa: é largamente utilizado na indústria, centra-se na tarefa de grupo e seu contexto interpessoal.

4. Grupos de percepção sensorial, corporal, de movimento corporal: Pretendem estimular a percepção física e a expressão, através do movimento, dança espontânea e outras formas semelhantes.
5. Grupos de criatividade (workshops): através de vários meios de arte se constitui com o objetivo de despertar a espontaneidade individual e a capacidade de expressão.
6. Grupos de desenvolvimento da organização: preocupa-se em desenvolver as capacidades de liderança entre os participantes do grupo.
7. Grupo de formação de equipe: é usado em diversos segmentos, mas principalmente em empresas que visam desenvolver maiores laços de união em equipes de trabalho.

Sabendo-se que um grupo social se constitui como uma reunião de pessoas com objetivos comuns, e observada a modalidade de cada grupo é importante notar que muitos desses grupos podem sofrer adequações dependendo da finalidade pretendida. Em uma escola, por exemplo, o grupo pode ter características de um grupo de formação de equipe, mas ao mesmo tempo pode configurar-se como um grupo de percepção sensorial, dependendo das técnicas empregadas nele.

2.1 Dinâmicas de grupo na sala de aula

No caso do ambiente educacional, a grande finalidade de um grupo é construir o conhecimento através da apreensão pelo sujeito das ferramentas que cada participante do grupo está disposto a expor. Neste contexto, a utilização de técnicas de dinâmicas de grupo em sala de aula tem como principais finalidades: a) facilitar a integração dos participantes do grupo; b) despertar o conhecimento através da convivência em equipe; c) promover o conhecimento autodirigido, cabendo ao facilitador identificar e direcionar o grupo para uma ou mais dessas finalidades.

2.1.2. O papel do facilitador

De acordo com Rogers (1970), o facilitador é aquele que promove o contato dos membros de um grupo, de forma que estes possam expor seus sentimentos, opiniões, conhecimentos com segurança. Aquele que possui esse perfil também é chamado pelo psicólogo de líder.

Em uma sala de aula pode-se verificar a presença de vários líderes, entre eles o próprio professor, pois a ele é atribuído o poder de iniciar e finalizar atividades, de gerenciá-las e promover o conhecimento mútuo.

Os outros líderes são os alunos que se destacam pela capacidade de mobilizar o grupo para determinados fins, organizando-os, facilitando assim o contato entre os membros do grupo.

Observando a dinâmica natural de uma sala de aula e de outras formas de organização, Rogers acredita que nem sempre o facilitador do grupo, no primeiro exemplo, é o próprio professor, mas algum estudante que se destaca por essas qualidades.

Isto decorre muitas vezes pelo nível de engajamento que um membro possui com os demais e a imagem que este passa para os demais membros do grupo. É certo

que o facilitador deve passar segurança para o grupo e que este em muitos momentos transparecerá atitudes diversas, mas sempre de algum modo interligada com os conceitos pregados pelo seu facilitador.

Assim sendo, alguns comportamentos do facilitador podem ser nocivos à interação do grupo, provocando efeitos contrários aos esperados. São eles:

- a) direcionar o grupo para fins pessoais;
- b) avaliar o êxito do grupo pela dramaticidade das emoções expressas;
- c) acreditar em apenas uma técnica de sensibilização;
- d) manifestar interpretações e causas dos comportamentos no grupo;
- e) obrigar a participação dos membros do grupo nas atividades;
- f) recusar-se a participação emocional, pessoal no grupo.

O facilitador do processo de aprendizagem através de técnicas de dinâmicas de grupo deve estar consciente de que ele tem um papel a cumprir e que os integrantes do grupo o têm como foco e lhe depositam confiança. Desta forma, sabendo administrar seus objetivos com os objetivos do grupo e procurando evitar os comportamentos supracitados, este estará apto para proporcionar segurança para o grupo.

Depois de instaurada a segurança no grupo através da confiança depositada no facilitador, desenvolve-se a liberdade mútua de expressar os sentimentos positivos e negativos, bem como os conceitos sobre determinados tópicos. A partir deste momento devem ser trabalhadas as expectativas do grupo para com as atividades de aprendizagem, entre elas as dinâmicas de grupo.

Atualmente as técnicas de dinâmica de grupo compõem grande parte do material metodológico de diversos segmentos sociais, servindo-lhes com fins integradores e geradores de conhecimento tanto para aquele que participa como para aquele que facilita.

É notável que o conhecimento pode ser despertado de formas singulares e que isto possibilita novos meios de percepção sobre aquilo que se conhece. O conhecimento, portanto, não deve ser tomado como algo estanque e sim como um esquema capaz de se atualizar a cada sensibilização.

Demonstrando-se como uma técnica amplamente utilizada em vários âmbitos sociais e dotada de uma grande capacidade de sensibilização de pessoas, é válido pensar a técnica de dinâmica de grupo como um objeto de estudo, cuja polidez linguística se manifesta nos procedimentos norteadores para a aplicação da técnica.

3 O trabalho de faces e a polidez como atenuação a ameaças às faces

O conceito de face de Goffman foi expandido pelos estudos de polidez desenvolvidos por Brown e Levinson (1987), os quais acreditam que a autoimagem construída socialmente se subdivide em duas faces, uma pública, a face positiva e uma reservada, a face negativa. O que ocorre na interação é uma espécie de negociação das intenções de seus interlocutores (PAIVA, 2024), formas pelas quais são manifestas e determinam o engajamento e a adesão das partes por aquilo que está sendo negociado.

Para os linguistas, o ato de dar a face consiste em se expor através de um conjunto de desejos (necessidades, ações, incluindo as expressões de querer). Ambos, ouvinte e falante têm o interesse mútuo de dar a face. Portanto, ao interagir, as faces

negativas e positivas dos interlocutores encontram-se dispostas, passíveis de preservações e ameaças.

Sabendo-se que a ameaça às faces é também uma forma de desequilibrar a comunicação, Brown e Levinson estudaram as estratégias de ameaça e atenuação das faces positivas e negativas dos envolvidos no processo comunicativo. Para tanto, os autores coletaram dados de conversas informais face a face em três línguas diferentes: Inglês, Tzeltal e Tamil e a partir de suas análises, os pesquisadores estabeleceram os universais linguísticos de polidez que se encontram em uso nestas línguas e que podem abranger as demais.

Desta forma, os linguistas desmembraram o conceito de polidez em dois. Um é direcionado para as faces positivas que estão em jogo na interação e o outro tipo, para as faces negativas. A polidez positiva é orientada para a face positiva dos interlocutores, conceituada como a imagem própria positiva que o falante assume ter dele mesmo e de seu interlocutor. O principal objetivo da polidez positiva é a aproximação entre os participantes da interação de forma que ambos os participantes se sintam à vontade para compartilhar seus interesses.

Por outro lado, a face negativa é orientada principalmente em direção da parcial satisfação da face negativa do ouvinte. O objetivo básico é manter a reivindicação do território e a determinação pessoal. A polidez negativa é essencialmente baseada em evitar uma aproximação desnecessária e a imposição de atos.

Existe uma tensão natural na Polidez negativa, no entanto, entre a) no desejo de responsabilizar-se como um pré-requisito para ser visto; b) o desejo de não responsabilizar-se para afastar da imposição. Com base nisso, podemos dizer que ao interagir, os interlocutores estão potencialmente ameaçando suas faces e buscando maneiras de evitar danos a elas.

No amplo estudo de Brown e Levinson (1987) sobre o fenômeno da polidez, destacam-se os conceitos de atos ameaçadores de face que abrangem o universo interacional do falante e ouvinte. Assim, o ato ameaçador de face não é em si, mas pode vir a ser uma ação, é substancialmente uma verbalização de uma ação, uma ideia, juízo, sentimento sobre algo ou alguém que porventura possa de alguma forma ameaçar, desconsertar, pôr o outro em uma situação desconfortável. São exemplos: o ato de pedir desculpas, prometer, agradecer, entre outros.

3.1. Atos ameaçadores de face do interlocutor

Os Atos que de alguma forma podem interferir na liberdade de pensamento e ação do interlocutor, caracterizam-se como atos ameaçadores de sua face negativa. Seguem abaixo alguns exemplos desses tipos de ameaças.

- Ordens e pedidos; sugestões e conselhos; lembretes; avisos, ameaças e pedidos que envolvem riscos: Esses tipos de atos precisam que o interlocutor assuma um papel na situação comunicativa, seja de receber passivamente uma mensagem, ou de aterrorizar-se com ela.

- Atos que predicam algum ato positivo no futuro do falante: Um exemplo deste tipo de ato é a promessa, o prejuízo ao interlocutor consiste para o uma espécie de pressão, no tocante de aceitar ou recusar e possivelmente ocorrer um débito. São exemplos, os oferecimentos (o falante indica que quer que seu interlocutor encubra-se de um ato pelo possível débito de dele num momento anterior), ex. Estou te ajudando porque sei que você faria o mesmo por mim; Promessas (o falante encabe-se de realizar ele mesmo um ato beneficiador para seu interlocutor), ex. Pode contar comigo para o que precisar.
- Desejo do falante sobre o interlocutor ou suas posses: Esse tipo de ato ameaçador de face pode emergir sobre os âmbitos físicos e sentimentais, fazendo com que o interlocutor tenha uma sensação de que deva se proteger. São exemplos: os cumprimentos; as expressões de admiração ou envolvimento (o falante sugere que ele gosta ou gostaria de algo do interlocutor), ex. Que lindo caderno!;
- Expressões de emoções fortes negativas direcionadas ao interlocutor: Tais como raiva, ausência de afinidades, fixação por algo do interlocutor podem fazer com que este se sinta constrangido, desconfortável, ex. Você deveria me dar este caderno agora!; Outra variação mais ameaçadora deste tipo de ato surge quando o falante indica uma possível motivação para machucar o interlocutor ou desejar suas posses, ex. Se você não me der esse caderno agora, eu chamo a professora.

Além deles, podemos destacar que alguns desses atos podem ameaçar a face positiva do falante, como as expressões de desaprovação. A realização destes tipos de atos demonstra claramente que o falante não acredita ter tantos pontos em comum com seu interlocutor, mostrando que o falante tem alguma elevação negativa de algum aspecto da face positiva deste. São exemplos destes tipos de atos: a crítica, a ridicularização, a repressão, a acusação; os insultos, ele ameaça a sua face positiva de modo a evitar qualquer tipo de aprovação deste.

Também são exemplos de ameaças às faces positivas, as contradições, desacordos, dúvidas (o falante indica que ele pensa que seu interlocutor esteja errado, desorientado, desaprovando-o), ex. Você não merece estar em sala de aula, não sabe nem cuidar do próprio material.

3.2 Atos ameaçadores de face positiva e negativa do interlocutor

Os atos ameaçadores de face citados neste tópico são necessariamente atos de impolidez (CULPEPER, 2014). Eles podem ameaçar tanto a face positiva, quanto a face negativa do interlocutor. Estes demonstram que o falante não se preocupa, ou está indiferente à face positiva de seu interlocutor:

- Expressões de violência: o falante passa para o interlocutor que este deva se sentir embaraçado ou receoso com ele;
- Irreverência e menção de tabus: o falante indica que não valoriza os valores de seu interlocutor e não se amedronta com seus medos. Dessa forma, ele torna-se inconveniente, principalmente quando comunica mensagens inadequadas ao contexto;

- Comunicação de más notícias sobre o interlocutor ou boas sobre o falante: ao receber este tipo de notícia, o interlocutor sente-se constrangido e tem sua face positiva extremamente ameaçada, e sua intimidade, marcada pela face negativa, exposta. O falante indica que está feliz por causar stress para o interlocutor e ou não se preocupa com seus sentimentos, ex. Vejo que seu pai também não frequentou a escola;
- Levantar questões morais ou políticas delicadas: Esse tipo de ato é ameaçador das faces de ambos os participantes da interação, pois ao tratar de assuntos como raça, religião, liberação feminina, eles se comprometem com questões delicadas, ex. Não funciona, porque foi uma mulher que fez.
- Não cooperação na atividade: ao evitar desenvolver alguma atividade, o interlocutor pode ter sua face positiva desqualificada, ao mesmo tempo em que protege sua face negativa de qualquer intervenção alheia;
- Interrupção da fala do interlocutor: demonstra ser um ato ameaçador de face positiva do falante e do interlocutor, pois ao assaltar um turno em uma enunciação, não fazendo restrições ou mostrando nenhuma atenção para com seu interlocutor, o falante se auto-ameaça, ao passo que ameaça a face positiva do outro, podendo ser considerado negativamente pelo grupo ao desconsiderar a importância da fala de seu parceiro, ex.F1- A comunidade tem...F2- Sabe aquela menina...;
- Mensagens desconcertantes: Usar nas mensagens termos e outros identificadores de status marcadas em encontros íntimos pode deixar o interlocutor em situações embaraçadas, mesmo que as enunciações não tenham sido marcadas intencionalmente, ex. Aquela noite foi maravilhosa, devemos repeti-la mais vezes.

3.3. Atos ameaçadores da face negativa do falante

Sabendo-se que o falante é aquele que ocupa um lugar de atenção dentro de um grupo, seguem exemplos de alguns atos que podem mostrar-se como ameaçadores de sua face negativa:

- Expressar agradecimentos: Ao agradecer, o falante gera uma espécie de débito futuro com seu interlocutor, ex. Obrigada por me emprestar o caderno;
- Promessas infelizes: O falante incube-se de fazer algo no futuro, quando ele não quer fazê-lo. Portanto se ele mostra-se infeliz, podendo também ofender a face positiva de seu interlocutor, ex. Passo amanhã na sua casa para ajudar com a tarefa;
- Aceitação de ofertas: Assim como no ato de agradecimento, ao aceitar uma oferta, o falante abre espaço para uma possível intervenção ou débito futuro de seu interlocutor, ex. Ok, você passa lá em casa amanhã;
- Confronto de pontos de vista: O falante é exposto na conversa, na medida em que expõe seus pontos de vista e estes são questionados pelo seu interlocutor, ex. F: Acho que você deve prestar atenção neste tópico. I: Não vejo porque este tópico seja tão importante;

- Responsabilidade sobre um passo em falso do ouvinte: se o falante notou que seu interlocutor cometeu um erro, que possa deixá-lo embaraçado, ele pode ser ele mesmo constrangido, ex. equipes que são avaliadas com o desempenho insatisfatório, devido às ações de alguns poucos membros do grupo. Neste caso, aqueles que tiveram um bom desempenho, de certa forma assumem os atos dos demais membros do grupo

3.4 Atos ameaçadores da face positiva do falante

Entre os atos que constituem uma ameaça a face positiva do falante, destacam-se os seguintes:

- a) Pedidos de desculpa: Ao pedir desculpas, o falante expõe sua face negativa, pondo em risco a sua imagem positiva, assumindo algo que não deseja mostrar, mas sente-se obrigado a fazer, ex. Desculpa por ter rasgado seu caderno;
- b) Aceitação de uma admiração: Ao aceitar um elogio, ou expressão de admiração, o falante pode se sentir desconcertado, ao mesmo tempo em que passa uma imagem de superioridade. Por isso, muitas vezes ao aceitar o elogio, o falante sente-se na obrigação de retorná-lo. Ex. I: Você tem um belo caderno. F: O seu é que é bonito;
- c) Ausência de controle sobre o próprio corpo, sons emitidos e lágrimas: Estes não se caracterizam como atos verbais, mas consistem em si mesmos, como atos de ameaça a face positiva do falante, visto que ele encontra-se como foco no processo comunicativo, podendo assim, constranger-se;
- d) Auto-humilhação, auto-contradição, estupidez; Confissões, admissões de culpa ou responsabilidade por ter ou não feito algo: Estes tipos de ato caracterizam-se como uma espécie de sabotagem da imagem positiva do falante, ex. Eu fui a culpada, se não fosse por mim, nada disso teria acontecido;
- e) Emoções reveladas: Ao revelar uma emoção, de forma exagerada, o falante se expõe, colocando em risco toda uma imagem positiva construída, ex. Tenho vontade de chorar toda vez que vejo esse filme;
- f) Aceitação dos agradecimentos: Ao aceitar um agradecimento, o falante pode passar uma imagem de superioridade para o seu interlocutor, deste modo, é comum ouvir expressões cristalizadas como, por exemplo, *Não há de quê e Imagina*, como formas de evitar a associação desta imagem.

No trabalho de faces, os sujeitos buscam, dentro do paradigma da experiência, recorrer a estratégias diferentes para buscar o equilíbrio dentro da interação. Considerando a classificação de Brown & Levinson (1987) quanto aos atos ameaçadores de face negativas e positivas dos interlocutores, surge uma segunda categorização quanto ao modo de ameaça.

Segundo os autores, existem três maneiras de classificar de forma cruzada alguns atos ameaçadores de face. No entanto, cada classificação cruzada tem uma complexa relação para com as formas que os atos ameaçadores de face são realizados.

Neste contexto interativo de vulnerabilidade mútua de faces, qualquer agente racional procurará prevenir os atos ameaçadores de face, ou introduzirá certas estratégias para minimizar a ameaça e para tanto ele levará em consideração o peso

relativo de pelo menos três intenções: a) o desejo de comunicar o conteúdo de um ato ameaçador de face; b) o desejo de ser eficiente/urgente; c) o desejo de manter a face de seu interlocutor em algum grau. Acreditando que a polidez está intrínseca à linguagem e que muito do que comunicamos passa pelo cuidado com o que o outro possa pensar, inferir sobre o enunciado, é certo que priorizamos as proposições *a* e *c*. Sendo assim, o falante preferirá utilizar suas estratégias de modo **On Record**, se ele tiver a intenção de se comprometer, se responsabilizar na realização de um determinado ato ameaçador de face. Neste caso, o fator definidor do modo de enunciação é a sua intenção comunicativa.

Caso o falante intente o contrário, buscando evitar qualquer tipo de aliança, responsabilidade com aquilo que está sendo enunciado, então ele realiza o seu ato ameaçador de face de modo **Off Record**. Desta maneira, ele não pode ser responsabilizado pelo ato ameaçador, pois ele não se comprometeu publicamente.

Algumas das estratégias mais utilizadas de modo **Off Record** são bastante encontradas na literatura, propaganda política, são elas: as metáforas, ironias, subentendidos, questões retóricas, tautologias, todos os tipos de frase e orações indiretas que o falante pode comunicar sem fazer diretamente. Neste tipo de enunciação, o falante prioriza o desejo de manter a face e assim o sentido é negociado, de forma que cabe ao ouvinte a responsabilidade da interpretação. Caso ele decida que cuidar das relações na interação não seja importante, ele usará estratégias **bald on record**, ou seja será impolido.

3.5 As variáveis determinantes para a qualificação do ato

As ameaças podem ser mensuradas como mais ou menos agressivas dependendo de algumas variáveis observadas pelos linguistas; são elas: o distanciamento entre os participantes da interação(D); o poder dos interlocutores (P) e o próprio ato de fala (Rx).

Assim, em um contexto de sala de aula, onde o professor tenha mais poder que o estudante, presume-se que haja um alto distanciamento, dada a falta de intimidade da relação. Por ser um quadro de experiência (GOFFMAN,1973) cujos interlocutores estão cientes da assimetria iminente dos papéis executados, o papel ou posição assumidos pelos falantes faz com que determinados enunciados sejam amenizados por eles, pela fala autorizada a eles (BOURDIEU, 1989). Provavelmente o ato de fala não pese tanto, visto que a obediência seja um fator preponderante; mas em uma relação em que há uma certa simetria com relação aos papéis dos interlocutores e um distanciamento mediano, é possível que o ato de fala seja mais ameaçador.

Dessa forma, ao interagir os interlocutores terão como interferências fundamentais: a) os papéis que exercem na interação, revelando assim o seu poder; b) o grau de intimidade com os interlocutores, o qual é definido pela distância que existe sobre eles e c) o peso do ato, que pode ser amenizado ou maximizado segundo os fatores supracitados. Essas variáveis estão presentes em manifestações linguísticas tanto On- Record, Bald on Record e Off-Record.

4 Resultados e Discussão

A análise consistiu em uma leitura crítica da técnica de dinâmica de grupo *Role and Play*, dramatização, a partir das considerações de Carl Rogers (1970;1969) e das manifestações de polidez linguística, baseadas no estudo de Brown & Levindon (1987) e outros.

Para a composição dos resultados foi necessária uma exposição da dinâmica em quatro partes: A. Apresentação da técnica de dinâmica de grupo; B. A utilidade da Técnica da técnica de dinâmica de grupo; C. Condições para a utilização da técnica; D. Objetivos pretendidos. Já a análise crítica foi desmembrada em duas partes, E. Dimensionamento dos atos ameaçadores de face na execução da técnica.

4.1. Dramatização ou *role-playing*

A. Caracterização da técnica

Conforme Minimucci (2000), a técnica de *role-playing* (ou dramatização) surgiu na década de 1930, desenvolvida por Jacob Levy Moreno, um psiquiatra e psicodramatista romeno. Moreno é conhecido como o criador do psicodrama, uma forma de terapia em grupo que usa dramatizações espontâneas para explorar e resolver conflitos emocionais. O *role-playing* é uma das ferramentas centrais do psicodrama.

No contexto terapêutico e educacional, o *role-playing* foi inicialmente utilizado para ajudar as pessoas a entenderem e trabalharem seus próprios sentimentos, assumindo o papel de outros indivíduos em situações hipotéticas. Moreno acreditava que, ao representar diferentes papéis, as pessoas podiam ganhar novas perspectivas sobre seus problemas e desenvolver empatia.

Com o tempo, a dramatização passou a ser amplamente utilizado em diferentes áreas, como na educação, no treinamento de habilidades interpessoais, na gestão de conflitos e na formação profissional, além de ser adaptado para contextos de negócios e desenvolvimento organizacional.

A técnica consiste na encenação de um problema ou situação no campo das relações humanas, por duas ou mais pessoas, numa situação hipotética em que os papéis são vividos tal como na realidade. A síntese desses papéis é um dos aspectos mais importantes do método. Os que vão encenar devem compreender o tipo de pessoa que dever interpretar durante a dramatização. O resumo do papel deve conter apenas a condição emocional e as atitudes a serem adotadas, sem detalhes sobre aquilo que deverá ocorrer durante a apresentação. Essa técnica permite a informalidade e assegura a participação do indivíduo e do grupo; elimina as inibições e facilita a comunicação, conforme Minimucci (2000).

B. No ambiente escolar, a técnica é útil para:

- Desenvolver a capacidade de relacionamento com outras pessoas através da compreensão da natureza do comportamento humano;
- Facilitar a comunicação, "mostrando" e não "falando";
- Criar no grupo uma atmosfera de experimentação e de possível criatividade;
- Despersonalizar o problema dentro do grupo ou trabalhar temas tabus que exigem opiniões pessoais.

C. Condições para execução:

- Os "atores" devem participar ativamente das cenas;
- Eles devem assumir seus papéis e defender os pontos de vista considerando as características dos papéis.

D. Para usar a técnica, o facilitador deve:

- Apresentar ou definir o problema que será dramatizado;
- Fixar a simulação ou os aspectos específicos de relacionamento humano a serem enfatizados na dramatização;
- Definir ou apresentar quais os papéis necessários à encenação;
- Escolher os atores, os quais planejarão as linhas gerais de seu desempenho, ou seja, a condição emocional e as atitudes a serem adotadas, sem especificar o que deverá ser feito na encenação;
- Os próprios "atores" poderão armar o "palco" que dispensará excessivo mobiliário e roupagem, dando ênfase à descrição verbal da situação;
- Os "ensaios" terão caráter de reuniões preparatórias onde as características dos papéis serão examinadas, sem preocupação quanto à "perfeição da representação" dos atores;
- Determinar ou definir o papel de grupo a ser desempenhado durante e após a dramatização, o que conclui a escolha do tipo de debates que se seguirá, bem como a determinação dos aspectos que deverão ser avaliados;
- Realizar a dramatização em tempo suficiente para permitir a apresentação dos dados, evitando-se a demora excessiva;
- Se o instrutor achar conveniente, poderá consultar o grupo quanto ao seu interesse em repetir a dramatização com a inclusão de ideias e sugestões que forneçam novo material para aprofundamento de debate;
- Poderão, também, ser usados outros artifícios, como por exemplo, a substituição dos papéis (troca) para verificação de sentimentos e atitudes, possibilitando a um personagem "colocar-se na pele do outro". É um jogo de reversibilidade, a favor e contra, ou tarefa invertida.

E. Dimensionamento dos atos de ameaça a face entre os membros do grupo

A técnica Dramatização pode ser usada em diferentes tipos de grupos, tais como: T-Group, Grupo de encontro, Grupo centrado na tarefa e Grupos de criatividade. Seja com a finalidade de discutir temas sensíveis, aprender de forma criativa sobre um

determinado assunto; incentivar a interação e o engajamento da turma, esta técnica exigirá que os participantes se reúnam, troquem informações, usem estratégias para proteger suas faces e conseguir o que querem.

Nas experiências de dramatização, os personagens podem ser alvo de atos de ameaça a face, a forma pela qual os participantes enunciarão tais atos, os elementos da cena poderão contribuir para a interpretação mais ou menos acentuada da agressão. Determinados papéis também podem abrigar atos iminentemente ameaçadores, tais como a auto-humilhação, auto-contradição, estupidez; Confissões, admissões de culpa ou responsabilidade por ter ou não feito algo, assim como os co-participantes podem fazer uso de outros atos para seguir o roteiro do papel. Cabe ao facilitador buscar formas de minimizar esses riscos, evitando, inclusive, que os participantes confundam às ameaças ao papel da dramatização, a ameaças para si mesmos.

Além do conteúdo com teor ameaçador, o estilo de enunciação também implica em risco às faces, pois a linguagem empregada direciona seus participantes e com ela é imposta a realização da atividade. Não é dada a eles a possibilidade de declinarem o “convite”. Deste modo, temos uma ameaça a face negativa dos participantes, que no quadro da experiência, ocupam lugar de vulnerabilidade, pois na relação entre professor e alunos, o professor tem mais poder que o aluno, dado o seu papel estrutural.

Goffman (2012) compreende que as interações humanas poderiam se dar como encenações, cujas pessoas fazem uso de um extenso e criativo repertório de práticas para manterem-se na linha de seus papéis sociais. Estas pessoas utilizam-se da polidez positiva para manifestarem a sua auto-imagem, qualidades, utilizam-se de argumentos positivos sobre suas qualidades para que possam ganhar o papel. Isto demonstra que mesmo em uma encenação é possível verificar a tendência de cada um, daí a importância de técnicas como esta, pois ela facilita o conhecimento espontâneo entre os membros do grupo e a observação destes pelo facilitador.

Um ponto positivo desta técnica de dinâmica de grupo é a possibilidade de seus membros poderem trocar os papéis. Isto facilita a integração do grupo, trabalhando a tolerância e a solidariedade; o conhecimento mútuo, caracterizando assim, estratégias de polidez positiva, além de retratar o que ocorre realmente na realidade, pois não assumimos apenas um papel na sociedade, muito pelo contrário, somos uma soma deles.

Esta técnica também se demonstra como um artifício interessante no que diz respeito à polidez negativa, pois ao representar um determinado personagem, o participante se protegerá de possíveis ameaças à sua face (real), e, pode, ao mesmo tempo, usar da sua posição ficcional para explorar uma variedade de estratégias de polidez off-record ou da própria impolidez, pois estará resguardado pelo papel.

Em técnicas como essa, o facilitador encontra-se bastante preservado, pois não tem um papel ativo, além de moderar o grupo, quando este se mostrar insatisfeito em algum ponto. Sua função principal é negociar as faces dispostas na apresentação da peça, preservando as faces dos estudantes, realizando assim estratégias de polidez negativa ao evitar que se estabeleça algum tipo de constrangimento; e de polidez positiva ao evitar desacordos, discussões desnecessárias aos objetivos da técnica.

Considerações Finais

O nosso contato com o outro nos revela quem somos, nos permite presumir como agiríamos se estivéssemos no lugar dele, e nos permite agir no nosso lugar. A dramatização enquanto técnica de dinâmica de grupo explora exatamente o certo das dinâmicas interacionais e através dela, os sujeitos podem discutir temas sensíveis de modo que a máscara do personagem leve a uma espécie de blindagem do território pessoal, mas será que é assim?

Os estudos de Brown & Levinson (1987), tomados como base de análise desta pesquisa nos mostram que empregamos polidez na linguagem para mantermos as relações e numa relação, cujo quadro da experiência (GOFFMAN, 2012) é de assimetria, a linguagem e a polidez empregada nela acaba assumindo diferentes funções. Deste modo, o ambiente da sala de aula é um dos diversos palcos que a polidez se manifesta, seja na relação professor-aluno, seja na relação aluno-aluno.

É na sala de aula que muitas formas de polidez se manifestam e estas devem ser observadas e analisadas, pois o ambiente educacional é formador da personalidade e desenvolvimento humano. Desta forma, o facilitador de aprendizagem deve estar atento ao modo como se comunica em sala de aula, pois nesta ele assume a responsabilidade de influenciar seus estudantes na realização de determinadas ações, nas quais podem consistir em atos ameaçadores de face. Esta pesquisa nos mostrou que as chamadas dinâmicas de grupos, merecem uma atenção especial, pois ultrapassam a virtualidade das palavras, gerando conhecimentos experienciados durante o relacionamento mútuo.

Diante disso, consideramos as técnicas, de um modo geral, potencialmente ameaçadoras, pois, primeiro: o estilo diretivo e procedimental, a maioria deles trazem verbos no tempo verbal imperativo, usam verbos como (Dever, Proibir, etc) são comuns e reforçam a vulnerabilização dos participantes; além disso, mesmo usando termos modalizadores, também integra o que Culpeper (2024) chama de princípio da reciprocidade, ou seja, mesmo que não esteja sendo requerida explicitamente a participação, o quadro da experiência da técnica não permite que o participante sequer imagine não participar, ele se obriga a ser recíproco a ordem do facilitador.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

BROWN, P. & LEVINSON, S. **Politeness: Some universals in language usage**. Cambridge: University Press, 1987.

CULPEPER, J. **Impoliteness Strategies**. Academia: Accelerating the worlds research, 2014 p. 421-463.

CULPEPER, Jonathan; TANTUCCI, Vittorio. The Principle of (Im)politeness Reciprocity. **Journal of Pragmatics**, v. 175, p. 146-164, abr. 2021. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216621000163>>. Acesso em: 30 set. 2024.

GOFFMAN, E.. Footing. In RIBEIRO, B. & GARCEZ, P. **Sociolinguística Interacional**: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: Age editora, 1998.

GOFFMAN, E.. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINIMUCCI, Agostinho. **Dinâmica de Grupo**: Manual de Técnicas. Edições São Paulo:Atlas, 2000.

PAIVA, GEÓRGIA MARIA FEITOSA E. Face monetizada. **Linguagem em foco**, v. 15, p. 80-96, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/12108> Acesso em: 12 de julho de 2024.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-Terapia**: Processo grupal. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

ROGERS, Carl R.. **Grupos de Encontro**. Lisboa: Moraes editora, 1970.

ROGERS, Carl R. **Liberdade para Aprender**. Charles E. Merrill Publishing Company. Ohio: Columbus, 1969.